

03-05-2023

## VIÚVAS DA GUERRA FRIA

Isaías Dilmário do Conde

[Jornalista]

Sílvio, meu marido, também é jornalista. Enquanto minhas veias e artérias me impulsionam para os crimes que são esquecidos, porque a própria mídia que lhes dá visibilidade logo os invisibiliza, Sílvio é mais dos bastidores. Corrige, diagrama, orienta, sugere, mas raramente escreve ou se posiciona na coxia. Isso não quer dizer que ele se omite. Sempre que analiso, escrevo e me coloco, sua opinião é um farol para meu posicionamento final. Embora costumemos discordar, suas opiniões sempre me auxiliam a modelar meus textos de modo a me sentir mais seguro. O resultado, se será bom ou ruim, quem julga é o leitor e, como se sabe, uns acharão bom, outros acharão ruim.

Essa classificação que antes era dada pela *Carta dos Leitores* e agora pelo *twitter* dá uma ideia vaga pois nunca sabemos o tamanho da amostra. O que ficamos sabendo é que a variação de ótimo a péssimo raramente ultrapassa os limites para estupendo ou lixo. Sílvio quando faz a leitura final dá o veredicto. Outra coisa que Ele me monitora é sobre o meu envolvimento com a matéria. Por eu ser muito passional, às vezes despejo uma indignação que Ele acha, geralmente, imprópria e exagerada. Eu até concordo, mas como geralmente falo sobre crimes covardes e hediondos, eu mesmo me perdoou pelo exagero. E sigo em frente. Pois bem, em colunas anteriores eu já havia tocado num assunto que, apregoava-se, duraria poucos dias ou, no máximo, poucas semanas: a Guerra da Ucrânia. Observo que colegas e alguns amigos situados no espectro da esquerda, onde costumam também me colocar pelo que escrevo, posicionam-se claramente a favor da Rússia nessa guerra. Acho de uma incoerência brutal, ao menos no Brasil. Existem diversas “esquerdas” pelo mundo. Algumas na esfera da resistência política, outras na posição de governos constituídos. Em muitas delas a brutalidade da incoerência chega à violência e ao desrespeito com os direitos humanos. Mas no Brasil, isso me espanta. Sílvio concorda com meu posicionamento e, por isso, na questão da Ucrânia não divergimos. No recente governo brasileiro profascista (2019-2022), de evidente posicionamento ideológico de extrema-direita, o apoio à Rússia, claro ou dissimulado, era coerente. Com a vitória da esquerda democrática que destituiu o nefasto governo anterior, a luz que iluminou o fim do túnel trouxe alvíssaras, mesmo num cenário de terra arrasada.

O alinhamento esperado do novo governo brasileiro com a defesa intransigente dos direitos humanos culminou com a linda cena da posse. A subida da rampa do Palácio do Governo trouxe o colorido apaixonante da nação brasileira. Ali jamais caberia o massacre do povo ucraniano. Uma esquerda democrática que, pouco a pouco, foi se afirmando com a defesa dos indígenas, do ambiente, das mulheres, dos pretos, das pessoas com deficiência, da diversidade de gênero, dos velhos, dos pobres e famintos não combina com o massacre do povo ucraniano. Sílvio, meu contestador, concordou comigo.

A nomeação dos novos ministérios trouxe alento a tudo aquilo que nos tinha açoitado durante quatro desgraçados anos - o machismo, o racismo, as violências de gênero, a apologia das armas, a corrupção disfarçada, a militarização inóspita do Estado brasileiro, a destruição ambiental, o genocídio indígena, o deboche das instituições, o crime contra a saúde pública e contra a educação - a lista é tão grande que não cabe por aqui. Todavia, no esperançoso ministério não coube a denúncia do massacre do povo ucraniano. Meus amigos de esquerda e, de certo modo, correligionários, alegam várias questões, para mim todas sem sentido quando se trata do massacre de um povo.

É o ingresso na OTAN, é a ameaça ao território russo (?), é o imperialismo americano, é a questão da geopolítica internacional, é o resgate de uma solidariedade soviética (?), é a formação de um bloco antiamericanista para salvar o equilíbrio de forças (?) .....

Sílvio sempre atento a essa discussão explica a seu modo: *são as viúvas da Guerra Fria. Nada justifica o que a Rússia faz com a Ucrânia.*

E, realmente me causa espanto que o novo presidente do Brasil se posicione com a neutralidade dos que culpam a vítima. Não reconhecer a invasão, o bombardeio de cidades e dentro delas hospitais, creches, escolas, casas, é postar-se como estadista mediador de uma guerra suja, sem considerar a sujeira. Se tiver dúvida olhe para um país em que quase um terço da população fugiu ou do país ou de suas cidades para não serem mortas. Mesmo que o atual presidente brasileiro refaça seu posicionamento, como vem acontecendo, essa postura deixa uma pulga atrás da orelha. Nós que estivemos na trincheira contra o fascismo, lutando pela democracia e aglutinamos nossos esforços em torno de um ex-presidente que, apesar de tudo, mereceu nossa confiança precisamos ficar atentos. A estratégia da Frente Ampla, como vimos, ultrapassava as fronteiras partidárias. Mas, em virtude de algumas atitudes do presidente da república, inclusive quanto ao massacre do povo ucraniano, tudo indica que ele se aproxima de ser porta-voz de correntes partidárias, com a hegemonia de um partido, não por acaso o seu. O apoio que o povo brasileiro outorgou-lhe deve ser agraciado com o que esperava dele: transparência na coisa pública, firmeza na defesa das instituições, responsabilidade nas declarações, escuta plural da sociedade e, não só, de seus pares “íntimos” e, principalmente, defesa intransigente dos direitos humanos. Direitos humanos.....

Nessa expressão cabem muitas questões, quase todas. Cabem coisas que estão sendo já realizadas e teremos a paciência de esperar: reforma na saúde, na educação, na economia (a favor da redistribuição de renda e diminuição da desigualdade), no meio ambiente, na questão indígena, na questão da propriedade da terra, no apoio à cultura e nos inúmeros movimentos em defesa de seus direitos, no combate à violência de todos os tipos e, entre tantas outras causas pelas quais ansiamos, na integração entre os povos (a começar pela América Latina)...

E para começar bem sobre essa última questão não aceitar como coisa natural a invasão covarde da Rússia e o massacre contra o povo ucraniano, além das ameaças de utilizar armas atômicas para vencer...

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.

A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, a perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.